um olhar para Maria

Josefa Yuta Pech

introdução

Este texto é uma produção da elaboração de algumas sessões de uma jovem histérica, no decorrer de aproximadamente um ano de atendimento clínico, no qual houve duas interrupções importantes. Essa paciente, após ser liberada de uma hospitalização com um quadro grave de anorexia, foi encaminhada para o CARIM[1], para atendimento psicológico e psiquiátrico.

[1] Centro de Atendimento e Reabilitação da Infância e Mocidade (CARIM-IPUB-RJ).

Um terreno comum – o quintal – abriga as casas dos familiares dessa jovem, isto é, todos são vizinhos próximos: pais, tios e avós.

Sua família nuclear é constituída de pai, mãe e seis filhos, sendo que a paciente é o terceiro filho na ordem cronológica, e é a filha mulher mais velha. Os pais são primos de primeiro grau.

Durante o atendimento, verificou-se a necessidade de tratamento psicanalítico paralelo para sua mãe, que foi iniciado com outro profissional. É importante frisar que os dois atendimentos ainda estão em curso.

caso clínico

Em pé, encostada no balcão da recepção, Maria, 13 anos, observa tudo que se passa a seu redor, provocando com seu olhar a apreensão do olhar dos passantes à visão de seu corpo. Corpo excessivamente magro, encoberto por roupas extremamente largas, bissexual em sua apresentação. Acompanhada da mãe, ela entra em minha sala. Maria só olha. É um olhar em busca de um outro, um apelo ao Outro para um diálogo essencialmente mudo, já que abrir a boca ela não queria, e nem podia, pois sua mãe falava sem parar.

Nessa cena o olhar tem lugar central, como no estádio do espelho, em que o olhar da criança busca o olhar da mãe, olhar do Outro, para fazer aparecer seu eu ideal, no qual se antecipa uma organização imaginária do eu, pois é no olhar do Outro como ideal do eu que se ajusta sua imagem. O entrelaçamento desses olhares resulta em um olhar único, olhar de gozo, "gozo do palco acompanhado da ovação do público"[2].

[2] Quinet. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise* (2002, p.131).

A mãe de Maria se queixa de que "Maria quer morrer", que está muito triste, quase não come e pula as refeições, junta a saliva na boca para de repente dar "uma cuspidona". Conta que Maria aperta constantemente a barriga, vai muitas vezes ao banheiro, está muito agressiva e não gosta que a toquem.

Em outro momento, afirma que Maria nasceu já engolindo suas próprias fezes, e aos dois meses de idade, Maria e sua irmã gêmea univitelina foram hospitalizadas com um quadro de infecção grave, após "constantes banhos frios" dados pela mãe. Em decorrência, a irmã gêmea faleceu, mas "quem era a mais fraca e deveria ter morrido era Maria". A morte se torna presente como significante importante que cria questões. Desde essa primeira internação hospitalar, Maria mora na casa da avó materna.

Apesar de sua grande dificuldade de aprendizagem, Maria gostava de estudar. Tinha uma amiga da qual gostava muito e com a qual brincava. Iam juntas à escola. Aos 12 anos, teve sua menarca. Já era mocinha quando foi proibida de andar com essa amiga, para não ser malvista, pois a menina era muito malfalada. Malfalada por permitir que os meninos tocassem seu corpo. Além disso, Maria foi retirada da escola, em uma atitude justificada pela mãe ao compará-la consigo mesma: "Maria é como eu, não precisa estudar porque não aprende nada. Maria não tem memória". Freud afirma que "as pessoas histéricas não sabem o que não querem saber"[3]. Se a memória é a repetição dos traços que se apagam, o que Maria não quer ver? O que não quer saber?

[3] Freud. Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria (1898/1998, p.287).

Maria deixou de comer, não queria falar com mais ninguém, isolava-se no quintal comum às diversas casas, escolhendo sempre um lugar central, para que todos a vissem. Não se banhava, xingava quem dela se aproximasse e agredia a todos. Maria parecia um cadáver quando foi "falada" por uma vizinha para ser "vista" pela mãe, e ser levada ao hospital, "senão morreria". Ficou quase dois meses hospitalizada, com um quadro compatível com "anorexia nervosa" e, segundo suas próprias palavras, "só ficou boa porque tomou um leite forte e gostoso". É como ela se refere à alimentação recebida por meio da sonda nasogástrica, por meio da qual sabemos ser impossível sentir sabor. Segundo Éric Bidaud, "o sujeito anoréxico mantém uma relação mortífera com o objeto da necessidade e, de modo mais amplo, com o mundo"[4].

[4] Bidaud. *Anorexia mental, ascese, mística* (1998, p.10).

Em um primeiro momento de análise, sem deixar de buscar o olhar da analista, Maria se aproxima de uma boneca e inicia seu brincar. Veste e desveste a boneca em um movimento

repetido e constantemente interrompido ao não "conseguir" olhar aquilo que a calcinha esconde, indicando algo que sabe que existe, mas não quer saber. Seu brincar encena o evitamento de se confrontar com a castração – a castração do Outro –, com a Morte e com o desejo mortífero, que é o significante que falta no campo do Outro para significar aquilo que, na transferência, se atualiza. Simultaneamente, brinca com a saliva em sua boca, até que, em dado momento, "cospe forte" e abandona a boneca, interrompendo uma mudez que se impôs e dizendo em voz quase inaudível: "Não sou mais criança". Cuspindo a "infância" e abandonando o lugar em que tinha se colocado, Maria toma a palavra ao se fazer sujeito da demanda, em que se encontra o Outro do desejo, do desejo de morte.

Com essa passagem, o brincar também se modifica, sem que abandone o privilégio da percepção do olhar. Nesse momento, Maria prefere brincar com os jogos de memória para, em uma mostração à analista, "desmascarar a função do mestre"[5] encarnada pela mãe, que diz que ela não tem memória. Em outro momento, escolhe desenhar para fazer-se ver em seus desenhos, muito primários. Neles, ela sempre escreve a data, sua idade e seu nome ao lado de meninas de corpo esquelético, composto por apenas poucos traços, de cabelos longos e brincos nas orelhas. Curiosamente, os outros personagens de seus desenhos não são nomeados, porque Maria diz que "não sabe ler e escrever". Mostra uma casa, que ela diz ser a casa dos pais, mas não sabe o que acontece lá, "porque não pode ver", já que a casa não tem janelas. Maria se faz ver magra, com brincos, e, em uma tentativa de escrever o nome da analista ("eat" e "uca") e ao dar seu nome a um sol sorridente, registra sua transferência, já esboçada na presença da analista (cf. Figuras 1 e 2).

[5] Lacan. *O seminário – livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)* (1992, p.88).

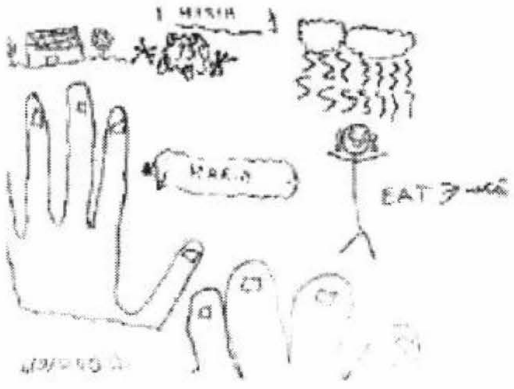


Figura 1

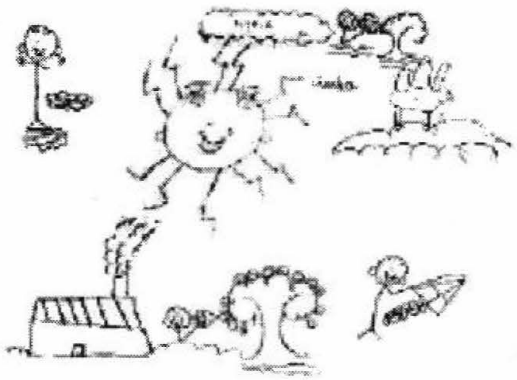


Figura 2

Maria afirma que quer voltar para a escola, para saber ler e escrever. "Quero ser diferente de minha mãe". Essa parece ser a questão de Maria em relação ao lugar ocupado no desejo do Outro. Ou melhor, no desejo de sua mãe, ao se questionar sobre seu próprio desejo.

Após alguns meses de análise, Maria volta a morar com a "família", isto é, na casa dos pais. Apesar da proximidade das casas, que ocupam o mesmo quintal, Maria não participava da rotina diária familiar, o que é fundamental para o "destino psicológico" da criança, "que é dependente da relação que as imagens parentais mostram entre si"[6]. A partir desse momento, Maria passa a vivenciar a experiência de uma troca mais ampla – troca do olhar para o falar, pois, para poder falar de sua relação com os familiares, é preciso conviver com eles. Maria pode finalmente falar de sua família, pois sua casa agora já tem janelas, outras pessoas participam de sua vida, e assim ela pode também nomeá-las (Figura 3).

[6] Lacan *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (1938/1985, p.89).

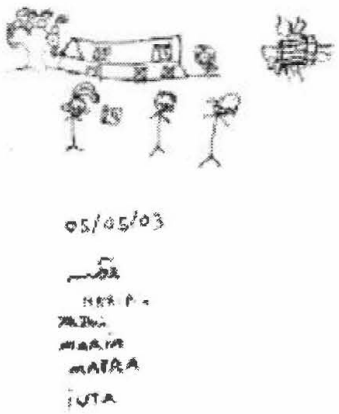


Figura 3

Conta suas impressões acerca dos familiares. Fala da avó que prepara salgadinhos, do pai-avô, assim denominado por ela, que trabalha como vigia, e do pai que faz a "comida", que é como se refere ao arroz e ao feijão. Maria diz que não gosta de comer "besteira", significante usado por ela para designar a comida oferecida pela mãe.

Nessa mudança de casa, Maria passa a dividir uma cama com a irmã mais nova no quarto dos pais, diz gostar de "ficar sozinha com o pai olhando a televisão", e que não consegue adormecer porque fica na cama, olhando. Pergunto: "O que você olha, Maria?". Surpreendida em seu voyeurismo, Maria nada responde, fecha seus olhos. "Não será justamente porque o desejo se instaura aqui no domínio da voyura que podemos escamoteá-lo?"[7]. É no encobrimento do olhar para não ver sua falta que o pudor se manifesta na mulher como máscara. A mulher mascarada sabe que não tem o falo, faz-se de falo para provocar o desejo do homem. Segundo o relato da mãe de Maria, é isto que ela faz: "Provoca os olhares dos homens".

Em certo ponto da análise, a mãe de Maria encontra um trabalho e avisa que ela não poderia mais vir, porque não há ninguém para trazê-la. Isso provoca uma reação em Maria. Ela rejeita a interrupção, mas mesmo assim deixa de vir a algumas sessões. Em seu retorno, está mais magra, mais pálida e novamente silenciosa, demonstrando sua angústia pelo movimento ininterrupto de seus olhos e pelo amarrar e desamarrar dos sapatos. Maria se coloca entre o pudor e a exibição, ao desviar o olhar para o chão e iniciar movimentos repetitivos de cima para baixo, apertando a barriga com a mão direita, de forma a deixar à mostra seus pêlos pubianos, enquanto, com a mão esquerda, tenta suspender o decote do vestido para esconder os pequenos seios que começam a despontar. Essa encenação me faz lembrar de um caso observado por Freud em "Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade"[8], em que ele exemplifica a expressão do significado bissexual do sintoma histérico ao fazer corresponderem os movimentos de se esconder e se mostrar e os movimentos femininos e masculinos. Sabemos que o encontro do real do sexo na puberdade é um momento de impasse que convoca o sujeito a localizar-se na partilha dos sexos como homem ou mulher. A pergunta da histérica é: "Sou homem ou sou mulher?". Para Maria, apresentam-se a convocação e as perguntas: "Como ser mulher no desejo de um homem? O que é ser mulher?".

O que Maria quer que a psicanalista veja?

[7] Lacan. *O seminário - livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964)* (1998, p.84).

[8] Freud. Las fantasias histéricas y su relación con la bissexualidad (1908/1998).

Uma nova interrupção ocorre quando a mãe de Maria se submete à sua terceira cirurgia plástica em dois anos, uma lipoaspiração das nádegas. Maria retorna após um mês, bastante debilitada, com muita dificuldade de andar e respirar. Ela denuncia em seu corpo sua recusa: recusa de comer, de falar e, principalmente, recusa do desejo do Outro, um desejo mortífero que não a identifica como mulher. Maria sorri ao ver a analista e conta em uma voz muito frágil que voltou a estudar, mas não consegue brincar com as colegas porque se sente muito fraca. Desenha uma menina, ela mesma, com uma sonda nasogástrica, e se deita sobre a mesa, de olhos fechados, meio desfalecida. Maria copia a frase "casos de desistência", escrita, entre muitas outras, na capa de uma pasta que se encontra sobre a mesa. Será o seu um caso de desistência? Quem desistirá, Maria, sua mãe ou a analista? Ela diz que quer voltar ao hospital para receber o leite forte, e pede à analista: "Você pode me dar leite?" (Figura 4).

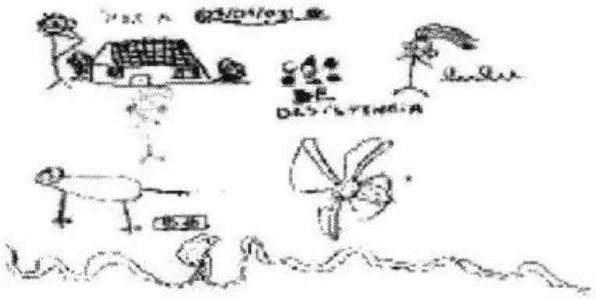


Figura 4

A mãe de Maria é informada da necessidade de atendimento hospitalar imediato, mas se restringe a responder que Maria está assim há algum tempo. Relata já ter ido ao hospital e não ter conseguido uma internação. Comunica-me nessa ocasião que ela não acompanharia a filha nessa hospitalização e conta ter sido orientada pelo médico a dar alimentação líquida ou pastosa para Maria, isto é, ela "precisaria cozinhar a comida" para Maria, mas não o faz. O que faz é entregar a lata de leite para que a filha cozinhe para si mesma. Entretanto "o leite não é suficiente, acaba logo". Em resposta, Maria diz que tenta fazer "um leite forte e gostoso", mas nunca acerta, ela só faz "besteira". Então joga fora tudo o que estraga, e acrescenta: "O leite da minha mãe é fraco, você me dá um leite forte?".

É preciso comer para viver, mas o fato "de não ter nenhum apetite, ter perda de apetite, significa, em termos sexuais,

perda da libido"[9], é uma inapetência generalizada, pois o anoréxico come nada, e é a partir do "nada", do vazio, que ele "nada" come, em uma tentativa de se preservar como sujeito desejante. A comida é um objeto essencial de necessidade na qual a pulsão se apóia para se fazer circular e barrar a pulsão de morte. Essa é a pulsão sexual, pulsão de vida. O alimento não é somente um objeto de necessidade, ele precisa ser simbolizado para que a demanda se constitua. Lacan conceitua a *necessidade* como aquilo que visa ao objeto e se satisfaz com ele, mas sabemos que ela é mediada pela linguagem, por meio da demanda e do desejo, e não é encontrada em sua forma abstrata. A demanda não se restringe ao objeto que visa e não se detém nele, ela é um apelo ao Outro, à presença ou ausência de um Outro, Outro do amor.

O que Maria pede?

É um pedido para ser recusado, pois o que ela pede não é o que ela quer, o que ela pede é outra coisa, instituindo assim algo da ordem do desejo, de um outro desejo. Maria começa a recusar o que é do Outro, Outro materno, para instaurar uma outra dimensão do desejo, seu próprio desejo. Segundo Lacan, "se a demanda é atendida, o objeto passa para o segundo plano, se a demanda não é atendida, o objeto muda de significação"[10].

É nesse jogo, de um *fort-da* mortífero, presença e ausência, em uma tentativa de presentificar o nada para transformar em linguagem, em simbólico, aquilo que é da ordem do impossível de dizer, que Maria, em função da falta de algo que lhe dê alguma representação, segue encenando sua dor.

Ver-se vendo-se. Vende-se?

É na ordem de capturar o olhar para saber o que o Outro quer de mim, esse Outro que está ligado ao desejo, que pergunto: para onde olha Maria?

Podemos dizer que nesse espaço aberto pela psicanalista foi possível, por meio de um outro olhar/escutar, aparecer um ver-se/falar, pois é pela palavra que o corpo retoma sua moradia.

[9] Freud. Manuscrito G.: Melancolía (1892/1998, p.240).

[10] Lacan. *O seminário – livro 4: a relação de objeto (1956-1957)* (1995).

referências bibliográficas

BIDAUD, Éric. *Anorexia mental, ascese, mística.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998.

FREUD, Sigmund. (1892) Manuscrito G.: Melancolía. In: *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1998. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1898) Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria. In: *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1998. Vol. III.

FREUD, Sigmund. (1908) Las fantasias histéricas y su relación con la bissexualidad. In: *Obras completas.* Buenos Aires: Amorrortu, 1998. Vol. IX.

LACAN, Jacques. (1966) *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1938) *Os complexos familiares na formação do indivíduo.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 4: a relação de objeto (1956-1957).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1963-1964).* 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O seminário – livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970).* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

QUINET, Antonio. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SCHERMANN, Eliane Z. *O gozo en-cena: sobre o masoquismo e a mulher.* São Paulo: Escuta, 2003.

TUBERT, Silvia. *A morte e o imaginário na adolescência.* Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

resumo

Este texto relata a análise de uma jovem histérica em que a relação mãe e filha, na passagem da infância à adolescência, reproduz-se na clínica, levantando algumas questões em que a anorexia se apresenta de forma peculiar, como sintoma.

abstract

This text reports the young hystery woman analysis. Particular attention is given to the mother daughter relationship in transition from childhood to adolescence, which is reproduced in the clinical work, bringing up questions regarding anorexia as a peculiar symptom of hysteria.

palavras-chave

puberdade, anorexia, histeria, mulher, relação mãe-filha.

keywords

puberty, anorexia, hysteria, mother daughter relationship, woman.